

UNIVERSIDADE CESUMAR UNICESUMAR
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MEDICINA

SÁUDE MENTAL DO IDOSO INSTITUCIONALIZADO

AMANDA CARRIÇO RODRIGUES

MARINGÁ – PR

2023

Amanda Carriço Rodrigues

SAÚDE MENTAL DO IDOSO INSTITUCIONALIZADO

Artigo apresentado ao Curso de Graduação em Medicina da Universidade Cesumar – UNICESUMAR como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel(a) em Medicina, sob a orientação da Prof. Dr. Aliny de Lima Santos.

MARINGÁ – PR

2023

FOLHA DE APROVAÇÃO

NOME DO ALUNO

TÍTULO DO TRABALHO

Artigo apresentado ao Curso de Graduação em _____ da Universidade Cesumar – UNICESUMAR como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel(a) em _____, sob a orientação do Prof. Dr. (Titulação e nome do orientador).

Aprovado em: ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Nome do professor – (Titulação, nome e Instituição)

Nome do professor - (Titulação, nome e Instituição)

Nome do professor - (Titulação, nome e Instituição)

SÁUDE MENTAL DO IDOSO INSTITUCIONALIZADO

Amanda Carriço Rodrigues, Aliny de Lima Santos, Ligia dos Santos Mendes Lemes Soares

RESUMO

Introdução: Visto panorama de ageismo atual, tornou-se comum o acolhimento dos longevos em instituições de longa permanência de idosos (ILPIs). Seja pela falta de condições emocionais ou praticidade do cuidado terceirizado, inúmeros idosos têm de se adaptar à esse novo ambiente. Assim, faz-se importante destacar a percepção desta população quanto aos obstáculos do envelhecimento, junto aos sentimentos vindos da institucionalização. **Objetivo:** Compreender a influência do contato familiar e das relações interpessoais na saúde mental de idosos residentes em ILPIs no noroeste do Paraná. **Métodos:** Estudo descritivo exploratório, de abordagem qualitativa, realizado entre 2021 e 2022, através da aplicação de um questionário associado a entrevista semi-estruturada junto aos residentes das ILPIs. Abordou-se autoavaliação do estado mental, forma de ingresso, contato familiar e o relacionamento dentro da instituição. As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas por semelhança de conteúdos. **Resultados:** Através dos dados coletados, observou-se que o ingresso da maioria dos entrevistados foi consentido pelo idoso, junto a família e assistente social. Também analisou-se que mesmo com a pandemia de COVID-19, os familiares se fizeram presentes por chamadas de vídeo. O relacionamento entre residentes e profissionais foi considerado impessoal pela maioria, obtendo-se poucos relatos que considerassem-na familiar. Por fim, constatou-se uma boa condição cognitiva (bom estado de saúde mental), mantida pela convivência amigável e implementação de atividades de lazer. **Conclusões:** Os entrevistados consideraram sua vivência na ILPI como de ótima qualidade. Ao contrário do esperado, a maioria apresentou bom estado de saúde mental, onde poucos possuíam diagnóstico de depressão em seus prontuários.

Palavras-chave: Estado emocional; População idosa; Instituição de longa permanência.

MENTAL HEALTH OF THE INSTITUTIONALIZED ELDERLY

ABSTRACT

Introduction: In view of today's ageism, it has become common for the elderly to be housed in long-term care institutions (LTCIEs). Whether due to a lack of emotional conditions or the practicality of outsourced care, many elderly have to adapt to this new environment. It is therefore important to highlight this population's perception of the obstacles of ageing, along with the feelings that come with institutionalization. **Objective:** To understand the influence of family contact and interpersonal relationships on the mental health of ancients living in LTCIEs in northwest Paraná. **Methods:** A descriptive exploratory study, with a qualitative approach, carried out between 2021 and 2022, using a questionnaire together with semi-structured interviews with residents of LTCIEs. The questionnaire addressed self-assessment of mental state, how they were admitted, family contact and relationships within the institution. The interviews were recorded, transcribed and analyzed by similarity. **Results:** Through the data

collected, it was observed that the entry of most of the interviewees was consented to by the ancient, together with the family and social worker. It was also analyzed that even with the COVID-19 pandemic, family members were present via video calls. The relationship between residents and professionals was considered impersonal by the majority, with few reports of it being family-like. Lastly, there was a good cognitive condition (good mental health), maintained by friendly interaction and the implementation of leisure activities. **Conclusions:** The interviewees considered their experience at the LTCIEs to be of excellent quality. Contrary to expectations, the majority had good mental health, and few had a diagnosis of depression in their medical records.

Keywords: : Emotional state; Elderly population; Long-stay institution.

1 INTRODUÇÃO

Com o passar das últimas décadas, vem se tornando indiscutível o crescimento progressivo da população idosa tanto em países desenvolvidos, quanto nos em desenvolvimento. É definido como idosos, pela Organização Mundial de Saúde (1994), os pertencentes a faixa etária acima dos 60 anos. Em especial no Brasil, observa-se a crescente do conceito antropológico de “revolução da longevidade”, trata-se do amplo impacto do envelhecimento populacional nas áreas de saúde, economia e qualidade de vida que requerem novas diretrizes governamentais (LEANDRO-FRANÇA e MURTA, 2014).

Esse cenário apresenta como uma de suas consequências, a alteração no perfil sanitário, o qual anteriormente era marcado por doenças transmissíveis e hoje possui como prevalência as Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNTs). Fora as DCNTs mais conhecidas como a diabetes e a Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS), existem dentro dessa classificação as patologias de ordem neuropsicológicas e os transtornos mentais. Estas são deveras relevantes, uma vez que também resultam em diferentes graus de incapacidade da população acometida e no comprometimento de sua qualidade de vida (LINI, PORTELLA e DORING, 2016).

Segundo Cordeiro et al. (2020), conforme o avançar dos anos, maior será a possibilidade do surgimento de transtornos de comprometimento psíquico e mental, sendo a parcela do sexo feminino destacada pelos autores. Ainda, tem-se em destaque a procura dos idosos pelo nível da Atenção Primária em Saúde, já que queixas de “mal estar” e sintomas de angústia relacionados a alterações de humor constituem a terceira causa principal de acompanhamento desses usuários pela Equipe de Saúde da Família (ESF) e Núcleo Ampliado de Saúde da Família (NASF), quando estes possuem o mínimo apoio familiar.

Dessa maneira, ao voltarmos nosso olhar às relações sociais e de cuidado entre o núcleo familiar e o idoso, teremos que a sujeição desse indivíduo a internação em instituições de longa permanência de idosos (ILPIs) não se torna um evento raro, uma vez que, de acordo com o trabalho de Dantas et al. (2013), aproximadamente 15% da população idosa brasileira encontra-se institucionalizada. Pode-se atribuir a esse dado, características como as mudanças ocorridas na estrutura familiar; no tempo voltado ao cuidado com o idoso, devido a outras atividades; e como a principal delas, a ocorrência de patologias que requerem cuidados mais específicos (DANTAS, et al. 2013).

Levando em consideração os pontos citados junto ao trabalho de Figueiredo e colaboradores (2018), podemos afirmar que o processo de institucionalização é em suma

danoso para uma boa manutenção da saúde mental dessa população. Afinal, a maioria esmagadora dos idosos internados acabam perdendo o estreito contato social que possuíam com os integrantes do núcleo familiar, ficando dependentes de visitas esporádicas. Outro ponto importante, é a perda massiva de sua autonomia devido ao fato desse ambiente ser voltado ao cuidado terceirizado e em sua maioria assalariado (MORAIS e PEREIRA, 2020).

Esses profissionais passam a ser os responsáveis pela saúde e bem estar desses idosos, assumindo o papel de cuidado e zelo antes representado pelos integrantes da família. Em grande parte das instituições, sejam elas de gestão pública e comunitária ou particular, as equipes multiprofissionais abrangem desde os aspectos físicos, como o trabalho realizado por fisioterapeutas e nutricionistas; como também o aspecto psicológico, emocional e cognitivo (FIGUEIREDO et al., 2018). Segundo Rosa, Santos Filha e Moraes (2018), podemos destacar que esse último ainda se mostra ineficiente e pouco explorado, principalmente em relação ao desenvolvimento de atividades estimulantes e de manutenção da capacidade cognitiva e estabilidade emocional desses idosos.

Por outro lado, ao desvelar contexto estrutural destas instituições de longa permanência, tem-se que alguns desses locais sobrevivem de verba governamental e doações, sendo sua renda insuficiente para a quitação dos gastos necessário. Isso acaba por gerar um ambiente difícil para o acolhimento desses idosos, seja por deficiências em sua estrutura física, como a falta de ambientes diferenciados e voltados a atividades de reabilitação específica; seja pelo obstáculo para a contratação de profissionais formados e especializados no atendimento a esse público (ALVES et al., 2017).

Com base no relato de Mauro et al. (2019), as ILPIs podem ser analisadas como locais com desenvolvimento de atividade delimitadas, controlando em grande parte o tempo e os interesses dos indivíduos regidos por ela. Em geral, essas são atividades que buscam o bem-estar físico e o convívio social entre os idosos, como em sessões de fisioterapia e gincanas conjuntas. Contudo, há uma tendência dessas “casas de repouso”, em não os conceder a autonomia de cuidado e a liberdade adequada, a qual os possibilitaria ter um maior aperfeiçoamento intelectual e social.

Portanto, assim como destaca Santos (2018), é de responsabilidade social da comunidade acadêmica e científica analisar essa dinâmica de forma ampla, buscando trazer a visão desses indivíduos muitas vezes considerados senis, a respeito de sua realidade emocional e relacional no ambiente ao qual estão submetidos. Independente da sua inserção neste ambiente ter sido por vontade própria ou de maneira forçada pelo abandono familiar, ainda sim essa experiência pode ser traumática e aumentar o desenvolvimento de algumas patologias de viés

emocional. Deste modo, suscita o seguinte questionamento: Como está a condição relacional e a saúde mental de idosos residentes em ILPIs, quanto à interação com seus familiares, cuidadores e demais residentes nesta instituição?

Atualmente, tem-se na comunidade científica poucos estudos acerca da importância da condição psicológica e social de idosos e de suas patologias e agravos a elas relacionadas. Essa pontuação se torna clara ao compararmos a quantidade de estudos desenvolvidos acerca da saúde mental em detrimento a clínica e epidemiologia das DCNTs (doenças crônicas não transmissíveis) no idoso, fato o qual se pode estar atrelado ao estereótipo comportamental e de personalidade associado a esses indivíduos (HISSAMURA et al., 2017) (SILVA et al., 2018).

Ao aliarmos essa problemática à crescente discussão quanto a saúde mental de idosos, tem-se a responsabilidade deste projeto em colher e apresentar as principais queixas e situações de propensão desse público residente em ILPI, a quadros patológicos de saúde mental, uma vez que, estes, podem estar diretamente relacionados ao sentimento de abandono e afastamento do núcleo familiar. Destarte, busca-se relatar essa realidade e possibilitar o desenvolvimento de novas estratégias e ações em saúde, que atuem na melhora da qualidade de vida dos indivíduos tratados. Assim, o presente estudo tem como objetivo analisar aspectos emocionais e relacionais de idosos residentes de uma instituição de longa permanência no noroeste do Paraná.

2 MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa descritiva, exploratória de natureza qualitativa, cuja população participante foi formada por idosos residentes de três ILPIs, no município de Maringá, Paraná. Atendendo aos critérios éticos, o presente estudo obteve aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Cesumar (CEP), com o número KAI X, além de ter sido agraciado com financiamento externo pelo Instituto Cesumar de Ciência, Tecnologia e Inovação (ICETI-Unicesumar) para custeamento do deslocamento físico das pesquisadoras, gastos com documentações e realização frequente de exames RT-PCR para COVID-19, o que possibilitou as negociações positivas com os profissionais responsáveis pelas instituições de longa permanência.

Para o desenvolvimento da seguinte pesquisa, os idosos foram selecionados através de informações obtidas de seus prontuários clínicos e da indicação dos profissionais das instituições, tomando por base seu estado cognitivo, capacidade responsiva e ausência de diagnóstico a longo prazo de patologias neurodegenerativas.

Com base nas informações citadas, a pesquisa incluiu indivíduos com idade superior a 60 anos, sem discriminação de sexo, raça ou orientação sexual. Para tanto, o número de participantes foi determinado e a coleta de dados encerrada, à medida que as respostas tornaram-se repetitivas, evento chamado de saturação dos dados. Os profissionais envolvidos, também colaboraram de forma impessoal, com informações essenciais que não constavam nos prontuários.

Para a utilização do espaço físico e contato com os residentes, houve autorização por parte das instituições participantes, além do consentimento prévio dos idosos entrevistados por meio do preenchimento em duas vias do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), confeccionado pelo orientador da pesquisa junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da Unicesumar (CEP).

Em seguida, tendo a população de estudo delimitada, os idosos foram direcionados a um ambiente reservado e tranquilo dentro da própria instituição, onde foram coletadas as informações por meio da aplicação do instrumento em forma de folha-questionário, sendo suas entrevistas gravada pelo uso de gravador digital.

A coleta de dados ocorreu no período de setembro de 2021 a março de 2022, utilizando instrumento confeccionado pelas pesquisadoras. O questionário abordou a princípio, a identificação do participante quanto ao nome, idade, estado civil e presença de comorbidades, apontando cada uma delas quando presentes. Partindo para as questões norteadoras da pesquisa, os idosos foram indagados sobre temas relacionados a sua situação de internação e tempo de residência na instituição, contato com seus familiares, relacionamento com outros idosos residentes e profissionais do local, qualidade do cuidado especializado que recebem, e a forma que se sentem quanto ao próprio estado de saúde mental.

Informações importantes adicionais as contempladas no instrumento, foram obtidas através da realização de perguntas verbais aos entrevistados, do acesso ao prontuário médico individual e por informações colhidas com os profissionais da instituição, de maneira impessoal.

As entrevistas foram transcritas em sua integralidade e posteriormente submetidas à análise de conteúdo temático, em que passagens semelhantes foram agrupadas em quatro unidades temáticas, que buscaram melhor explicar o evento estudado, sob a perspectiva do respondente. Tal abordagem, proporcionou maior propriedade e análise mais precisa dos achados, sendo possível a imersão do pesquisador no universo do evento investigado. Os participantes foram denominados no estudo conforme as iniciais dos seus nomes, seguido pela idade.

3 RESULTADOS

Participaram desse estudo 12 idosos residentes de três Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI's) no município de Maringá, Paraná. A faixa etária dos entrevistados variou entre 67 e 88 anos, estando a maioria em seus 80 anos (7), com predomínio para o sexo feminino (8). Nenhum dos residentes participantes possuíam doenças neurodegenerativas em estágios que provocassem confusão mental e déficit cognitivo. Em relação às doenças crônicas, foram observadas nos prontuários quadros de diabetes melitus (5), hipertensão arterial sistêmica (8) e doença de Parkinson recém diagnosticada (4), com tempo menor que seis meses.

No que diz respeito aos relatos, foram observadas diversas unidades de sentido, e a análise de tais depoimentos deram origem a quatro categorias temáticas: compreendendo como se deu a entrada do idoso na instituição de longa permanência, a visão dos idosos sobre o contato com a família, a dinâmica de convivência interpessoal e a percepção do cuidado na instituição, como os residentes percebem a relação entre atividades de lazer e a saúde mental.

3.1 COMPREENDENDO COMO SE DEU A ENTRADA DO IDOSO NA INSTITUIÇÃO DE LONGA PERMANÊNCIA

Através das entrevistas, pode-se observar que a entrada de alguns dos idosos na ILPI esteve associada à evolução de certas doenças, cuja morbidade se tornou um fator decisivo na diminuição da capacidade funcional desses indivíduos. As morbidades citadas majoritariamente demandam a necessidade de cuidados mais especializados, que por vezes não podiam ser ofertados pelos familiares ou ainda, para aqueles que moravam sozinhos, torna-se deveras difícil de ser realizado. Desse modo, a inserção do indivíduo na ILPI tornou-se fundamental para que pudesse receber um plano de cuidado mais especializado e constante, como demonstram os relatos:

“Faz 3 anos que eu moro aqui. Eu morava sozinha, mas como eu tenho mal de Parkinson, tava passando da hora de tomar remédio. Esquecia muito, tava tendo dificuldade pra me locomover, aí não dava mais não. (...) Teve vez de eu ir dormir, aí quando acordava no meio da noite, tentava sair da cama e não conseguia, por causa dessa doença”. (CM, 73 anos)

“Aí depois de uns seis meses que me deu esse problema na perna (se referindo a quadro de hemiplegia e hemiparesia em ambas as pernas) eu vim pra cá, meus irmãos me trouxeram de kombi aqui pra Maringá. Por que eu já tinha pegado essa infecção sabe (se referindo à lesão por pressão), justamente no pior lugar do mundo, onde eu não alcanço”.(MA, 67 anos)

“É que eu peguei uma diabete muito forte, uma diabete que não tinha controle de nada, num dia tava 500, no outro dia tava nuns 50, 60, aí no outro 300. Um dia eu até fui parar no hospital, quase tive um troço”. (AF, 76 anos)

Na análise das respostas emitidas pelos entrevistados verifica-se que os indivíduos que vivem nas ILPI's apresentam redução em sua capacidade funcional, o que reflete diretamente em sua condição de saúde. Não obstante, é válido reforçar que nem sempre a institucionalização gera melhoria no quadro de limitação física dos idosos, uma vez que, conforme tem demonstrado alguns estudos, esta pode gerar a redução ainda maior de sua capacidade funcional e autonomia (DANTAS et al, 2013; BARROS e tal, 2016; BARBOSA et al, 2020).

Outro aspecto relevante é que a família do idoso muitas vezes não dispõe de recursos financeiros, psicológicos e de tempo para prestar a assistência necessária e por isso, levá-los a viver em internato nestas instituições, a fim de receberem atendimento adequado às suas necessidades.

Esta realidade foi demonstrada no estudo de Carvalho e Dias (2011) constatando que estas instituições são procuradas pelos familiares com o objetivo de propiciar melhores condições de equilíbrio físico, psíquico e social dos idosos. Ainda nesse sentido, Alves-Silva (2013) discorre que os familiares buscam as ILPI's por acreditarem que elas ofereçam cuidados, companhia e convivência com outros idosos, possibilitando melhora no convívio social.

Não obstante, confirmando os achados do presente estudo, Watanabe e Giovanni (2009) reforçam que as ILPI's são procuradas por serem uma opção para proporcionar cuidados para indivíduos idosos que perderam parte de sua capacidade funcional, ou que se encontram em condições de vulnerabilidade social ou por condições familiares que impeçam de prover os cuidados necessários.

Ao envelhecer, o início ou agravamento de doenças submete a população idosa a maior necessidade de medicações e cautelas para seu controle e prevenção. Contudo, mesmo com a elaboração de planejamentos individuais em saúde, muitos não conseguem implementar as orientações recebidas. Dentre os motivos familiares, tem-se a ausência de conhecimento

técnico, junto ao obstáculo de conciliar o cuidado ao idoso com a rotina do lar (CORTE et al., 2020).

No estudo de Reis e colaboradores (2015), verificou-se que as famílias apresentam despreparo em lidar com o indivíduo na fase do envelhecimento e com as alterações em sua capacidade funcional, bem como com as transformações que ocorrem nas relações devido a esta nova realidade. As dificuldades que surgem desta adaptação podem levar ao internamento do idoso em uma ILPI.

Quanto ao idoso, tem-se a dificuldade de compreensão, déficits de cognição e memória como agentes causadores. A renda mensal ainda é um fator limitante tanto para os que residem sozinhos quanto para os contam com auxílio do núcleo familiar (CORTE et al., 2020).

O trabalho de Ottoni (2020), apoia o exposto, não apenas ao demonstrar o chamado “tsunami grisalho” no Brasil, mas também ao expor o crescimento da morbimortalidade dessa população entre os anos de 2000 e 2019. Para tal estudo, o autor se baseou nas causas e índices anuais relacionados a internação hospitalar de idosos em todas as macrorregiões brasileiras, tornando possível afirmar o maior consumo dos serviços de saúde pelos longevos devido as complicações de doenças crônicas não transmissíveis (DCNTs), estando em primeiro lugar as doenças do aparelho circulatório.

Outro ponto relatado com frequência pelos residentes foi o sentimento de solidão antes da entrada na instituição. Quanto a isso, Azeredo e Afonso (2016) destacam em sua pesquisa que o sentimento tem se tornado cada vez mais comum na sociedade contemporânea. No entanto, na população idosa pode ser agravado por conflitos familiares ou pela ausência de convivência intergeracional, os quais desempenham papel afetivo importante, podendo gerar implicações negativas para a saúde física, mental e social destas pessoas e seu agravamento no momento da institucionalização.

No presente estudo, verificou-se que mesmo com a convivência na comunidade, a maioria dos entrevistados declarou sentir-se sozinho e até mesmo abandonado no período antes da institucionalização, fosse por residirem sozinhos, fosse pelo fato de passarem longas horas solitários em casa, enquanto os familiares realizavam atividades diárias como trabalhar e estudar.

“(…) quando eu separei da muié, fui morar sozinho, só que me vinha aquele desespero de ficar sozinho também. Eu não gostava, detesto ficar sozinho”. (AF, 76 anos)

“Eu já me sentia meio sozinha, desde que o meu marido morreu. Minha filha ficava o dia todo fora trabalhando e levando meu neto pra cima e pra baixo. Aí eu até saía de vez em quando, mas passava quase o dia todo em casa sozinha, só eu e o (cachorro).” (MH, 83 anos)

“Eu sempre fui muito a igreja, fiz parte de todos os grupos, ajudava bastante. Aí o pessoal da igreja viu que eu tava muito sozinha, conversaram com a minha filha e eu acabei indo morar lá na casa paroquial, depois vim pra cá”. (MP, 82 anos)

Para Iankevicz (2021), a solidão não é necessariamente a falta de companhia, mas sim o estado de “sentir-se só”, o qual frequentemente provoca uma sensação de vazio ou de que algo está faltando. Conforme Azeredo e Afonso (2016) a solidão gera um sentimento desagradável de vazio, pois, não é causada por estar só, mas por não se ter determinada relação de que a pessoa necessita.

Na perspectiva de Nascimento (2018, p.5) a solidão pode ser definida como “o sentimento de estar só, acompanhado da constatação da separação emocional do outro. É a falta de interação e de comunicação emocional entre um indivíduo e outro”.

Quanto a presença deste sentimento, os estudos de Kawakami (2020) e Santos (2020), concordam com os relatos apresentados, ao analisarem respectivamente idosos que residem sozinhos e com familiares. Para os autores, a ausência de diálogo e troca afeto são fatores de grande influência no desenvolvimento de sintomas depressivos e no aumento da vulnerabilidade dessa parcela populacional.

Para Paço (2017) entre indivíduos idosos as principais causas da solidão estão relacionadas com a ausência ou inexistência de família, falta de recursos, problemas de mobilidade, fatores de sociabilidade, de ordem geográfica, pessoal e comportamental.

Com relação à parte burocrática da entrada dos internos na instituição, verificou-se como padrão o auxílio do serviço de assistência social em todos os casos analisados. Os residentes que antes viviam sob o cuidado de seus familiares afirmaram ter havido consenso quanto à institucionalização, enquanto os que antes residiam sozinhos, relataram autonomia ao procurar esses profissionais, tendo em sua maioria incentivo de amigos e vizinhos. Assim, pode-se afirmar que o serviço social é uma área indispensável no processo de entrada na instituição, tanto no alcance da vaga, quanto na estratégia de persuasão do idoso.

“Meus filhos vieram com a conversa de vamo pra esse lugar, que o senhor não pode ficar aqui assim não. Eu não queria não (...) Aí teve um dia que a mulher da assistência

veio falar comigo também, ela me falou: “vai lá, se o senhor não gosta o senhor volta. Ninguém vai prender o senhor lá. O senhor vai e passa uns dias, se não gostar, aí o senhor sai”. (AF, 76 anos)

“Aí esses meus vizinhos ajudaram a levar a assistente social lá pra me ver de vez em quando, aí de tanto eu conversar com ela, ela começo a me falar que eu não podia ficar daquele jeito. Nessa moça eu botei firmeza sebe, aí ela arrumou para me colocar aqui.” (MA, 67 anos)

“Eu dormia na rua, não tinha mais nada. (...) Por esses tempo agora, eu fiquei uns dia no albergue, aí do nada uma moça veio conversar comigo. Me perguntou quantos ano eu tinha e veio me falando daqui, se eu tinha vontade de vir pra cá. Eu nem pensei nem duas vezes.” (CS, 70 anos)

O profissional comprometido com o Serviço Social deve atuar de forma crítica e interventiva, tomando por objetivo principal atender as demandas prioritárias não apenas do idoso, mas de todas as parcelas vulneráveis da população, garantindo seus direitos e sua cidadania (PEREIRA, 2019). Nesse viés, é encargo básico do assistente social identificar, notificar e agir sobre as mais diversas situações em que se encontram as pessoas idosas, sejam elas a procura pelo serviço, com noção de consentimento, até aquelas onde há vulnerabilidade, como a ausência de moradia, carência financeira e casos de violência (COSTA, PEREIRA E CARIÉS, 2019).

No estudo de Salcher et al (2018) foi demonstrado que nas ILPI's as equipes multidisciplinares apresentam grande relevância uma vez que cumprem o papel de proporcionar aos idosos da instituição atenção e cuidados ampliados visando o atendimento das demandas sociais, cognitivas, culturais, físicas e mentais para assegurar ao idoso atenção integral à sua saúde.

3.2 PERCEPÇÃO DOS IDOSOS SOBRE O CONTATO COM A FAMÍLIA

Grande parte dos entrevistados que possuem familiares próximos vivos, como filhos, netos e sobrinhos, relatou que estes sempre tentam manter um relacionamento de afeto e carinho constante. No estudo de Rodrigues e Silva (2013) foi verificado que idosos que estão convivendo em lares convivem com suas famílias e que idosos institucionalizados, em sua maioria, recebem apoio de amigos.

No período pré-pandemia, constatou-se que o horário estipulado pelas instituições para as visitas era aos domingos no período da tarde, porém, houveram idosos que referiram receber visitas semanais, outros mensais e poucos, apenas semestrais.

“Meu irmão que mora aqui, vem aí de vez em quando, ou me leva pra passar o dia com ele e assar uma carniinha na casa dele. Fora ele, eu tenho dois irmãos pra lá (Guarapuava), mas é meio difícil, eles vem aqui só duas vezes no ano pra me vê.” (MA, 67 anos)

“Ele (sobrinho) me visita, mas já aconteceu dele fica uns dois meses sem me visitar. (...) Eu já liguei para minha sobrinha, mas ela disse que é por que ele trabalha bastante.” (MA, 84 anos)

” A minha filha vinha aqui a cada três meses, ela mora fora no estado de São Paulo, porque o meu genro é professor universitário. Também tem a minha nora que vem sempre aqui, se minha nora pudesse ela vinha todo domingo.” (AF, 76 anos)

Também foram ouvidos idosos cuja família próxima já é falecida. Alguns deles mantêm contato mínimo e esporádico com familiares mais distantes, onde esses acabaram se tornando seus responsáveis legais. Já outros não possuem interação familiar alguma.

“Meu sobrinho-neto que é responsável por mim. Ele vinha me vê de vez em quando, mas passava uns seis meses sem vir. Eu sei que ele mora aqui perto. Mas eu acho mesmo que ele não gosta muito de vir aqui, nunca fui muito próxima dele. Acho que ele vem só por obrigação. Mas fazer o que, quando meu filho morreu, só tinha ele pra cuidar das minhas coisa.” (MR, 79 anos)

“Então, como eu não tenho mais família, não recebo visita. Eu nunca casei nem tive filhos. Meu irmão morreu quando a gente ainda era criança, e fui eu que cuidei dos meus pais a vida toda. Quando eles faleceram eu fiquei.” (PR, 76 anos)

Neste sentido o trabalho realizado por Rodrigues e Silva (2013) demonstra que a rede de apoio do idoso institucionalizado se torna fragilizada e escassa devido ao afastamento de familiares. Esta situação, segundo os autores impede que o idoso tenha o bem-estar psicológico e social.

O trabalho de Santos e colaboradores (2021), em consonância ao exposto, também relata a constante tentativa dos familiares em não apenas conservar, mas intensificar os laços de afeto

e atenção com esses idosos, mesmo perante a difícil decisão da institucionalização. Os autores ainda destacam que a manutenção da convivência familiar no ambiente da ILPI's, em muitos casos se deve ao sentimento de culpa e fracasso, juntamente a um viés moralista vivenciado pelos familiares. Aparentemente, isso se deve ao reconhecimento de não conseguirem realizar os cuidados necessários ao idoso, devido à falta de condições financeiras, físicas ou emocionais, além de terem que lidar com o pré-julgamento do senso comum que se refere a essa situação como “se livrar do problema” (ROHDE e AREOSA, 2020).

Para Kawakami et al (2020) a família do idoso é essencial para que haja o fortalecimento da rede de apoio e de atenção à saúde a esses indivíduos, possibilitando ampliar ações de socialização uma vez que se trata de um suporte social aos idosos.

Também constatou-se o panorama vivido durante a expansão da COVID-19 a partir de março de 2020, onde foi observado um grande desânimo por parte dos internos e profissionais da instituição, uma vez que as tão aguardadas visitas tiveram de ser restritas por quase 2 anos devido ao risco de contaminação dos moradores.

Conforme explicam Nascimento et al (2022), com a propagação do Coronavírus (SARS-CoV-2), o distanciamento e isolamento social foram necessários para evitar a contaminação dos idosos, considerando que são grupo de alto risco para infecção. Nas ILPI's os protocolos adotados foram proibir visitas e saídas para passeios, reduzir o tempo de convivência e de atividades em grupos.

Souza et al (2021) registraram em seu estudo que as ILPI's são considerados locais de alto risco para o agravamento de doenças de transmissão respiratória como a influenza e a COVID-19. De acordo com estes autores, estes riscos são intensificados devido à presença de doenças crônicas nesta população.

Sobre esta nova realidade causada pela pandemia os entrevistados relataram o sentimento de tristeza por não conseguirem manter o relacionamento afetivo físico e presencial com seus familiares, porém também apresentaram certo grau de compreensão com tal panorama vivenciado não apenas por eles, mas por toda a população geral neste período.

“(…) da última vez que ele veio aqui, eu não pude ir, por causa dessa gripe. Se eu fosse, ia ter que ficar 10 dias isolado, daí eu achei melhor deixar pra lá.” (MA, 67 anos)

“Uma das minhas amigas, vinha me visitar todo mês. Um dia ela chegou sem máscara, mas os meninos (funcionários) não deixaram ela entrar. Eu liguei para ela, e ela me disse que não ia poder vir mais não. Tudo por causa dessa doença né.” (MA, 84 anos)

“Ela (filha) vinha me ver toda semana, mas com essa pandemia, agora que ela tá voltando a vir, só que menos.” (MH, 82)

Desde o início de 2019, pode-se afirmar que todas as esferas da população mundial sofreram com a propagação do coronavírus. A revisão de Silva e colaboradores (2020), ressaltou o impacto dos sentimentos de ansiedade, frustração e insegurança ocasionados não apenas pelo distanciamento do convívio, mas também pelo luto e perda de pessoas queridas, na funcionalidade, saúde emocional e cognitiva dos longevos, residentes ou não de ILPI's.

Mesmo com esse panorama, deve-se considerar os índices de mortalidade por SARS-CoV no primeiro ano de pandemia no Brasil, onde 69,3% dos 23.473 óbitos ocorridos em 2020, atingiram pessoas com mais de 60 anos (BARBOSA et al., 2020). Esta informação auxilia na compreensão dos motivos por trás da implementação dos protocolos e medidas de proteção a essa parcela da população, em especial quando analisamos o risco de infecção e as diversas repercussões clínicas inatas a ação do vírus no organismo desses indivíduos. (COSTA et al., 2020)

Contudo, o auxílio da tecnologia possibilitou que as famílias se reinventassem pelo uso de chamadas de vídeo e mensagens carinhosas, como forma de conseguir manter contato com seus entes queridos. Conforme Costa et al (2020) o uso de tecnologias pelos idosos institucionalizados durante a pandemia foi um fator positivo que possibilitou a aproximação com familiares, contribuindo para reduzir o sentimento de isolamento e de solidão.

Dessa maneira, foi frisado pelos residentes a importância dos funcionários das instituições como intermediadores da inclusão destes idosos na onda de digitalização vivida nesse período.

“Como a minha filha mora em São Paulo, na capital, sempre foi meio difícil pra ela vir me ver sabe. Aí com essa pandemia, ficou pior. Até que teve um dia, que ele (funcionário) veio com um celular na mão todo faceiro e falou que ia me mostrar um negócio. Eu achei que ele tava brincando comigo sabe, ele é bem brincalhão. Aí quando eu olhei, tava lá minha filha e meu netinho. Eu fiquei tão feliz, não sabia nem segurar aquele negócio direito na mão.” (MP, 88 anos)

“Já fazia uns meses que o meu filho tinha me dado um celular, mas eu não usava muito. Nunca gostei dessas coiseiras. Só que quando essa pandemia aí começou, os meninos (funcionários) me mostraram como mexer, só o básico. Eu fui pegando gosto. Hoje falo até com os meus netos pelo “Zap-Zap” (EC, 74 anos)

O estudo de Costa e colaboradores (2021), em concordância aos relatos, abordou o uso da internet e tecnologias durante o isolamento como instrumentos indispensáveis para a manutenção do contato social, além de possibilitar um envelhecimento ativo pela maior sensação de segurança e independência. De maneira a não se esquecer das diversas barreiras vivenciadas nessa interação, os pesquisadores descrevem o funcionamento técnico dos aparelhos, junto a insegurança e limitação física desse público.

Na pesquisa realizada por Nabuco et al (2020) foi apontado um dado relevante sobre o uso de tecnologias por idosos durante a pandemia da COVID-19, demonstrando que o uso da mesma pode ser fator de proteção contra o suicídio entre idosos. Para Rosa, et al., (2020) as tecnologias auxiliam a melhorar qualidade da saúde mental dos idosos e também auxiliaram a diminuir o sentimento de solidão pois aumentaram o contato social durante a pandemia.

3.3 A DINÂMICA DA CONVIVÊNCIA INTERPESSOAL E A PERCEPÇÃO DO CUIDADO NA INSTITUIÇÃO

Ao serem indagados sobre o convívio interpessoal, houve um predomínio dos residentes que consideram os demais idosos que convivem na instituição como uma família. Relataram que seu relacionamento é baseado em amizade, respeito e compreensão, sendo companheiros para os momentos difíceis.

“É como se fosse uma família mesmo. Como a gente divide o quarto em quatro, acaba ficando mais íntimo de quem está ali junto. Aí já viu né, divide desde as coisas boas até as ruins. (CM, 73 anos)

”Eu estou feliz vivendo aqui, com todos nós reunidos. (...) Aqui nos se conhece tudo da igreja ou da casa paroquial. Aqui todo mundo sabe da vida um do outro, então ninguém fica sozinho. Nois se vê todo dia e sabe quando aquele um não tá bem. A gente se ajuda bastante.” (MP, 88 anos)

Na perspectiva de Santos et al (2021) muitos idosos institucionalizados enfraquecem seus vínculos familiares e buscam resgatar o afeto por meio das relações que estabelecem no grupo de idosos dentro da instituição. Neste sentido, o estudo de Barbosa et al (2018) evidencia que a integração social com outros membros da ILPI é um fator que contribui para criar um

sentido de pertencimento ao grupo e proporciona um espaço onde podem viver novos projetos e objetivos para esta etapa da vida.

Para Gonçalves e Truccolo (2009) a socialização é essencial para estimular a cognição (memória e raciocínio) dos idosos e possibilitar a qualidade de vida e o ganho de autoestima dentro das instituições. Desse modo, o resgate dos vínculos de amizade entre os internos de ILPIs se faz indispensável na manutenção da qualidade de vida, uma vez que os amigos possibilitam à pessoa idosa ajuda emocional e companhia, ao passo que corroboram para a formação do sentimento de pertencimento a uma esfera social. (AREOSA, 2019).

Rodrigues e Silva (2013) apoiam esse conceito, ao analisar a consolidação de redes de apoio entre 30 idosos residentes de instituições de longa permanência no interior de Minas Gerais. Os autores afirmam que este convívio entre pessoas em uma mesma situação, contribui para que o idoso se sinta querido naquele grupo e conseqüentemente se torna um dos eixos mais almejados durante o processo adaptativo do novo interno.

Em contra ponto, alguns internos relataram ter pouco convívio com seus iguais, por se considerarem mais tímidos e reclusos quanto ao contato social. Contudo, frisaram que sua relação não é conflituosa, apenas um pouco mais distante.

“É uma relação boa, eu tenho poucos amigos porque eu sou mais quieto. Eu falo pouco sabe. Fico mais na minha. Eu conheço mais os homens que dividem o quarto comigo, converso bem com o Antônio e com o outro senhor que também fica no quarto. Mas eu sou pouco de conversa sabe.” (PR, 76 anos)

“Então, eu não converso com todo mundo, mas não tenho problema nenhum. Tenho mais amizade com os colega de quarto. Nunca discuti com ninguém. Ninguém nunca olhou um pro outro com cara feia, nossa relação é normal. É que eu gosto mais de ficar quieto no meu canto (...)” (AF, 76 anos)

Muitas vezes, traços de personalidade mais antissocial e reclusos podem ser confundidos com dificuldade de convívio quando se trata de indivíduos institucionalizados (SOARES et al., 2018). Machado, Campos e Rabelo (2013) explicam que estes comportamentos podem estar relacionados a manifestação de condições psicológicas como a depressão e ansiedade, podendo também estar atreladas a perda relativa de autonomia, individualidade e privacidade vivência pelos idosos ao terem de respeitar uma nova rotina, situação de moradia e relação com o mundo fora da instituição.

Conforme Alves-Silva e colaboradores (2013), outro fator de grande relevância que se torna um obstáculo para a socialização dentro da instituição é que ao entrar na ILPI o indivíduo pode ter um sentimento de ruptura com o estado anterior e isto pode levá-lo a ficar tímido e recluso, afastando-se das relações sociais.

Bentes et al (2012) demonstram em sua pesquisa, que embora as ILPI's sejam locais apropriados para prestar assistência à população idosa, muitas vezes, ao chegar nestes locais estes indivíduos podem desenvolver sentimentos de isolamento por estarem impossibilitados de terem contato social externo, vivenciando um confinamento social.

Além disso, obteve-se unanimidade em comentários positivos quanto a qualidade do cuidado e assistência fornecido nas instituições analisadas. Os entrevistados destacaram como indispensáveis os aspectos físicos de limpeza e manutenção de rotina. Com relação ao recurso humano, cerca de metade dos utentes consideram o tratamento que recebem dos funcionários da instituição, como respeitoso e impessoal.

“Para mim, o atendimento aqui é 100%, aqui a pessoa dorme bem, come bem, é tudo limpo, as cama, os quarto, as toalha, a cozinha. Só de olhar você percebe tudo brilhando, tudo limpinho. O pessoal faz o trabalho direitinho.” (AF, 76 anos)

“Eles cuidam certinho. Fazem a parte deles, respeitam a gente. Dão os remédios na hora certa, porque se não a gente esquece. Ajudam a arrumar os quarto, fazem o prato para o almoço. Tudo dentro do normal.” (PR, 76 anos)

Conforme a Resolução da Diretoria Colegiada (RDC) n° 283 de 2005, definida pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária, as ILPI's são caracterizadas como instituições governamentais ou não, voltadas a moradia permanente ou temporária de indivíduos acima de 60 anos, dependentes ou independentes, com ou sem suporte familiar. Nesses locais o cuidado multiprofissional possui caráter residencial e de assistência cotidiana, mas não inclui o serviço médico. Devido a isso, qualquer profissional com nível superior pode ser o responsável técnico de uma ILPI's (SOUZA, MELO e CARRARA, 2022).

Em vista do conceito apresentado, em busca de proporcionar uma rotina mais leve e despreocupada ao morador, deve-se fornecer cuidado digno, seja por meio do serviço de enfermagem, seja pela manutenção da estrutura física da unidade (SILVA e FIGUEIREDO, 2012). Fora isso, é vital aos profissionais que lidam diariamente com os residentes, terem conhecimento dos padrões de comportamento dessa população, sabendo relevar em certos

momentos, sempre considerando a importância da paciência e atenção para com esses indivíduos, que já possuem um convívio social tão limitado (PIEXAK et al., 2012).

Quanto aos cuidados que idosos devem receber nas ILPI's, Alves-Silva et al (2013) enfatizam que devem contemplar auxílio para executarem suas atividades de vida diária, proporcionando momentos de ludicidade, recreação e cultura. Além disto, é preciso que haja investimentos do Poder Público no suporte para que os profissionais cuidadores das ILPI's possam desenvolver suas atividades com dignidade.

Para Sampaio et al (2011) os profissionais das ILPI's devem possuir conhecimentos em diversas áreas da saúde e atuar na equipe multiprofissional de forma a compartilhar saberes a fim de propiciar um ambiente adequado para prestar atendimento aos idosos, buscando atender suas necessidades conforme expressa a Política Nacional de Saúde do Idoso (PNSI).

Quanto a outra metade, pode-se inferir que esses participantes observam o cuidado por um viés mais familiar. Destacando características como carinho, preocupação e compreensão de suas limitações, por parte dos funcionários. Sendo visível a consolidação de uma relação emocional entre idoso e profissional cuidador, indispensável não apenas para a manutenção da saúde física como emocional.

“Eles são muito gente boa. Eles gostam muito da gente, ajudam bastante. Os meninos mesmo, fazem graça o tempo todo, para a gente dá umas risada boa. Não tenho nada de ruim para falar deles não, só coisa boa. Tratam a gente como se fosse da família mesmo.” (MH, 82 anos)

“O pessoal que trabalha aqui é tudo bacana. Ninguém briga e nem discute (...). Então a gente sente bastante respeito e respeita bastante também. Aqui, se você tiver uma dor de cabeça, eles dão remédio e se não melhora te colocam no carro e leva no hospital de madrugada mesmo. Tem muito cuidado com a gente, se preocupam. Só de olhar, eles sabem quando a gente não está bem.” (MP, 88 anos)

Ainda em relação ao trabalho de Piexak (2012), pode-se afirmar através do relato de funcionários de ILPIS atuantes no estado do Rio Grande do Sul, como o relacionamento, com viés fraternal, pode ser perceptível em ambos os lados dessa relação. Essa realidade se faz presente através do seguinte questionamento: “Para você o que é cuidar de idosos?”, onde obteve-se respostas preenchidas de compaixão por parte dos profissionais, sendo uma delas a simples frase “É dar amor.”

3.4 PERCEPÇÃO DA RELAÇÃO ENTRE ATIVIDADES DE LAZER E A SAÚDE MENTAL

Tendo em vista a oferta de lazer, evidenciou-se a implementação de diversas atividades coletivas que buscam aperfeiçoar o trabalho manual fino, o raciocínio lógico e o convívio entre os internos. Na visão de Caramano e Kanso (2010) as atividades realizadas com idosos nas ILPI's contribuem para a promoção de integração e socialização entre os residentes e ajudá-los a exercer um papel social.

Contudo, ao entrevistar os idosos, foi verificado que não realizam a prática de exercícios físicos e nem de fisioterapia. Também foram frequentes as menções positivas às excursões e pequenas viagens turísticas implementadas pelas ILPI durante o período pré-pandemia.

“A gente faz de tudo aqui. Gosto de fazer esses quadros de parede, colagem. (mostra os quadros que decoram o refeitório). Agora eu também faço os cursos, cada mês tem um curso diferente para a gente fazer.” (AF, 76 anos)

“Aqui tem uma variedade grande de coisa para fazer, nunca ninguém fica de mão abanando sem fazer nada não. Sem falar que de vez em quando, eles escolhem um lugar pra gente sair e conhecer.” (CM, 73 anos)

Silva e colaboradores (2021) ressaltam que o trabalho manual e o raciocínio lógico são ótimos para estimular o nível cognitivo global e a função executiva. Contudo, descrevem que práticas recreativas como os exercícios físicos direcionados (yoga e tai chi), bailes e o turismo, correlacionam-se não apenas com a coordenação motora e a cognição básica, mas também estimulam a memória, prática social, reconhecimento semântico e a linguagem desses longevos, através de práticas prazerosas e de lazer que respeitem suas limitações.

Na pesquisa de Barbosa et al (2020) foi demonstrado que a realização de atividades físicas e de lazer para idosos institucionalizados contribui para a integração social desses indivíduos.

Com relação a manutenção do bom estado de saúde mental, os participantes destacaram a importância da realização de atividades recreativas e lúdicas para a manutenção da saúde psicológica no ambiente da institucionalização, uma vez que a ociosidade foi atrelada ao advento de sentimentos negativos.

“Essas coisas ocupa a cabeça. Estando parado, a gente só pensa no que não presta, só vem bobagem. Nada de bom.” (AF, 76 anos)

“Quando tem bingo e essas coisas, a gente se empolga e eles também (funcionários), vira uma baguncinha boa. Nois não pode ficar à toa não.” (CS, 70 anos)

“Para não ficar parada, nesse tempo de isolamento, eu pegava a vassoura. Ajudava bastante, varria tudo lá na frente sozinha. Dava uma adiantada boa para moça da limpeza. Eu fazia de tudo para não ficar parada.” (MR, 79 anos)

A pesquisa de Soares (2018), confirma que idosos asilados estão mais sujeitos ao desenvolvimento de patologias psiquiátricas como depressão, ansiedade e neurológicas como os processos demenciais. Ademais, as atividade de lazer servem como forma de minimizar os impactos não apenas das limitações e ociosidade da institucionalização, mas também como forma de distração dos conflitos, tristezas e perdas vivenciados pelos longevos durante sua trajetória de vida, que podem ser trazidos à tona durante esse período (DERHUN et al., 2018).

Os estudos elencados por Ferreira (2018) demonstraram unanimidade a respeito da prevalência dos sintomas depressivos e de comprometimento da autonomia nos idosos asilados, os quais participaram das mais diversas modalidades de pesquisa por todo o país. Além disso, faz-se válido destacar que a concepção de satisfação com a vida pode ser considerada um dos pilares da saúde mental, independentemente da idade analisada, estando diretamente atrelado ao estabelecimento da vontade de viver (COSTA et al., 2020). Silva (2020), relata que este sentimento se relaciona ao julgamento cognitivo, sendo baseado na comparação entre a situação atual onde o indivíduo se encontra e o padrão ideal de bem-estar, previamente estabelecido no subjetivo.

5 CONCLUSÃO

Conclui-se que, ao contrário do esperado, os idosos residentes nas instituições possuem em sua rotina fatores que corroboram para a boa manutenção do estado de saúde mental e psicológica. Para a maioria dos entrevistados, o processo de entrada na instituição foi consentido; há relacionamento positivo e ativo com familiares, funcionários e demais internos; o cuidado profissional é percebido como de boa qualidade; tem-se a realização de atividades que proporcionam lazer e estimulam o convívio interno.

Com isso, é válido destacar a importância de análises integrativas e individualizadas na saúde emocional dessa população, buscando sempre se basear na visão e vivência dos próprios residentes, de forma a objetivar a elaboração de ações e campanhas em saúde, para que os serviços de acolhimento possam se atualizar, aprimorando o cuidado e trazendo qualidade de vida a estes idosos. Os achados têm o potencial de proporcionar uma mudança de conceitos pré-estabelecidos no “senso comum”, não apenas a comunidade acadêmica e científica, mas também à população comum.

REFERÊNCIAS

BRASIL. RESOLUÇÃO RDC Nº 502, DE 27 DE MAIO DE 2021. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Dispõe sobre o funcionamento de Instituição de Longa Permanência para Idosos, de caráter residencial. **Diário Oficial da União**, Brasília em 27 de Maio de 2021.

ALVES, Manuela Bastos; MENEZES, Maria do Rosário de; FELZEMBURG, Ridalva Dias Martins; SILVA, Valdenir Almeida da; AMARAL, Juliana Bezerra do. Instituições de longa permanência para idosos: aspectos físico-estruturais e organizacionais. **Escola Anna Nery**, v. 21, n. 4, p. 1-8, 17 ago. 2017.

ALVES-SILVA, Júnia Denise; SCORSOLINI-COMIN, Fábio; DOS SANTOS, Manoel Antônio. Idosos em instituições de longa permanência: desenvolvimento, condições de vida e saúde. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 26, n. 4, p. 820-830, dez 2013.

AREOSA, Silvia Virginia Coutinho. Relações Interpessoais, Vínculos Familiares e Sociais de Idosos Institucionalizados. **Revista Kairós-Gerontologia**, São Paulo (SP), v. 22, n. 3, p. 493-513, 12 jan. 2019.

AZEREDO, Zaida de Aguiar Sá; AFONSO, Maria Alcina Neto. Solidão na perspectiva do idoso. **Rev. brasileira de geriatria e gerontologia**, v. 19, n. 02, p. 313-324, mar/abr. 2016.

BARBOSA, Lara de Melo et al. Perfis de integração social entre idosos institucionalizados não frágeis no município de Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. **Ciênc. saúde coletiva** 25 (6) 03 Jun 2020.

BARBOSA, Isabelle Ribeiro; GALVÃO, Maria Helena Rodrigues; SOUZA, Talita Araújo de; GOMES, Sávio Marcelino; MEDEIROS, Arthur de Almeida; LIMA, Kenio Costa de. Incidência e mortalidade por COVID-19 na população idosa brasileira e sua relação com indicadores contextuais: um estudo ecológico. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro (RJ), v. 23, n. 1, p. 1-11, jul. 2020.

BARROS, Temístocles Vicente Pereira; SANTOS, Allan Derkian Borges; GONZAGA, Jozilma de Medeiros; LISBOA, Maria Goretti da Cunha; BRAND Caroline. Capacidade

funcional de idosos institucionalizados: revisão integrativa. **ABCS Health Sciences**, v. 41, n. 3, p. 176-180, 2016.

BENTES, Ana Cláudia de Oliveira; PEDROSO, Janari da Silva; MACIEL, Carlos Alberto Batista. O idoso nas instituições de longa permanência: uma revisão bibliográfica. **Aletheia**, Canoas (RS), n. 38-39, p. 196-205, dez. 2012.

CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange. As instituições de longa permanência para idosos no Brasil. **Rev. bras. estud. popul.**, Rio de Janeiro (RJ), v. 27, n. 1, p. 233-235, jun 2010

CARVALHO, Maria Paula Rodrigues Sequeira de; DIAS, Maria Olívia. Adaptação dos idosos institucionalizados. **Millenium**, [S.L], v. 40, n. 1, p. 161-184, dez. 2011.

CORTE, Igor dalla; MIOSO, Cassiano Turcato; MARIUSSI, Pedro Miguel; STOCHERO, Elisandra Lúcia Moro; RIES, Edi Franciele; BAYER, Valéria Maria Limberger. Compreensão e adesão ao tratamento médico por idosos usuários do Sistema Único De Saúde (SUS). **Brazilian Journal Of Health Review**, Curitiba (PR), v. 3, n. 4, p. 9827-9843, ago. 2020.

COSTA, Debora Ellen Sousa; RODRIGUES, Sandryelle de Andrade; ALVES, Rita de Cássia Loiola; SILVA, Milena Roberta Freire da; BEZERRA, Antônio Diego Costa; SANTOS, Daniel Coutinho dos; FREITAS, Milena Cordeiro de; OLIVEIRA, Paula Ermans de; NUNES, Sabrina Freitas; SILVA, Victoria Caroline da. A influência das tecnologias na saúde mental dos idosos em tempos de pandemia: uma revisão integrativa. **Research, Society And Development**, v. 10, n. 2, p. 1-10, 4 fev. 2021.

COSTA, Felipe de Almeida; SILVA, Alex dos Santos; OLIVEIRA, Caio Bismarck Silva de; COSTA, Laís Cristiny Santos da; PAIXÃO, Mariana Érica da Silva; CELESTINO, Maria Nielly Santos; ARAÚJO, Mirelly Caetano de; AZEVÊDO, Schirley Maria de Araújo; SILVA, Carliane Rebeca Coelho da; SANTOS, Igor Luiz Vieira de Lima. COVID-19: seus impactos clínicos e psicológicos na população idosa. **Brazilian Journal Of Development**, v. 6, n. 7, p. 49811-4982, jul. 2020.

COSTA, Joice Sousa; PEREIRA, Letícia Silva; CARIÉS, Sueli Aparecida Silva de. A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO DO SERVIÇO SOCIAL: reflexões sobre os direitos sociais e o processo de institucionalização das pessoas idosas. **Anais do Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais**, Brasília (DF), v. 16, n. 1, p. 1-13, nov. 2019.

CORDEIRO, R. C.; SANTOS, R. C.; ARAÚJO, G. K. N.; NASCIMENTO, N. M.; SOUTO, R. Q.; CEBALLOS, A. G. C.; ALVES, F. A. P.; SANTOS, J. S. R. Perfil de saúde mental de idosos comunitários: um estudo transversal. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 73, n. 1, p. 1-8, fev. 2020.

DANTAS, Cibele Maria de Holanda Lira; BELLO, Fabiana Aguiar; BARRETO, Katia Lima; LIMA, Luciane Soares. Capacidade funcional de idosos com doenças crônicas residentes em

Instituições de Longa Permanência. **REBEN - Rev. Bras. Enferm.**, v. 66, n. 6, p. 914-920, dez 2013.

DANTAS, L. C. V.; FERREIRA, L. A. K.; ANDRADE, C. V. S.; SOUZA, S. M.; SOARES, E. Impactos da institucionalização na saúde mental do idoso. **Revista Portal de Divulgação**, São Paulo, v. 4, n. 36, p. 35-43, set. 2013.

DERHUN, Flávia Maria; CASTRO, Vivian Carla de; MARIANO, Pâmela Patrícia; BALDISSERA, Vanessa Denardi Antoniassi; CARREIRA, Lígia. PERCEPÇÃO DE IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS SOBRE O LAZER. **Revista Baiana de Enfermagem**, [S.L.], v. 32, n. 1, p. 1-8, 18 jul. 2018.

FIGUEIREDO, M. C. C. M.; FERREIRA, F. A.; NUNES, E. S. C.; ARAÚJO, A. M.; ARAÚJO, P. E.; SOUZA, G. P.; DAMASO, C. R. Idosos institucionalizados: decisão e consequências nas relações familiares. **Revista Kairós-Gerontologia**, São Paulo (SP), v. 2, n. 21, p. 241-252, jun. 2018.

GONÇALVES, Marizete; TRUCCOLO, Adriana Barni. **Atividades lúdicas e de socialização para idosas residentes em instituição de longa permanência: uma experiência intergeracional**, 2009.

HISSAMURA, Isabella Santana; HISSAMURA, Paula Santana; BERNUCI, Marcelo Picinin; MASSUDA, Ely Mitie. Estado da arte da produção científica brasileira sobre saúde mental do idoso: uma revisão sistemática de literatura. **Revista Kairós - Gerontologia**, São Paulo (SP), v. 20, n. 4, p. 263-277, 2017.

IANKEVICZ, Maria Salete. **SOLIDÃO E ENVELHECIMENTO: como vivem as pessoas da terceira idade na contemporaneidade?**. 2021. 47 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, UFFS, Erechim (RS), 2021.

KAWAKAMI, Roselma Marcele da Silva Alexandre; AZEVEDO, Rosemeiry Capriata de Souza; REINERS, Annelita Almeida Oliveira; ALMEIDA, Natália Araújo de; LIMA, Idilaine de Fátima; SOUZA, Luciane Cegati de. Experiências de solidão entre os idosos que moram sós. **Saúde Coletiva (Barueri)**, [S.L.], v. 57, n. 10, p. 3729-3738, 21 out. 2020. MPM Comunicacao.

LEANDRO-FRANÇA, C.; MURTA, S. G. Prevenção e promoção da saúde mental no envelhecimento: conceitos e intervenções. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 34, n. 2, p. 318-329, jun. 2014.

LINI, Ezequiel Vitório; PORTELLA, Marilene Rodrigues; DORING, Marlene. Factors associated with the institutionalization of the elderly: a case-control study. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro (RJ), v. 19, n. 6, p. 1004-1014, dez. 2016.

MAURO, L.; LUNARDELLO, M.; VEIGA, O.; NOVELLI, F. A Institucionalização de Idosos e suas Consequências Físicas e Psíquicas: relato de caso. **Anais do PTS - Projeto Terapêutico Singular**, São José do Rio Preto (SP), v. 7, n. 11, p. 24-26, dez. 2019.

MELO, Ianara Acioli de Freitas; KUBRUSLY, Elsie Sobreira; PEIXOTO JUNIOR, Arnaldo Aires. Perfil das instituições de longa permanência para idosos no Estado de Alagoas no período de 2007 a 2008. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília (DF), v. 20, n. 1, p. 75-83, mar. 2011

MORAIS, Tainara Almeida de; PEREIRA, Mayara Cândida. Vínculo do Idoso Institucionalizado com seus Familiares. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, v. 3, n. 6, p. 217-229, jun. 2020.

NABUCO, Guilherme; OLIVEIRA, Maria Helena Pereira Pires de; AFONSO, Marcelo Pellizzaro Dias. O impacto da pandemia pela COVID-19 na saúde mental. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**, v. 15, n. 42, p. 2532-2532, 2020.

NASCIMENTO, Larissa Schubert. O papel das instituições de longa permanência na inclusão da terceira idade e o combate à solidão e ao isolamento: mudanças em prol da concretização dos direitos do idoso. V **SEMIDI - Seminário Internacional de direito**, Lorena (SP), UNISAL.

NASCIMENTO, Michelle Souza; FERREIRA, Ana Carolina Vidigal Vieira; ALMEIDA, Geovana Brandão Santana; AMORIN, Thaís Vasconcelos; FONSECA, Adélia Dayane Guimarães; FORTES, Fabiola Lisboa da Silva; SALIMENA, Anna Maria de Oliveira; PAIVA, Andyara do Carmo Pinto Coelho. Estímulo cognitivo e socialização de idosos institucionalizados na pandemia por Covid-19. **Revista Brasileira Em Promoção Da Saúde**, v. 35, n. 7, 2022.

OTTONI, Máximo Alessandro Mendes. **Envelhecimento populacional e morbidade de idosos no brasil**: uma avaliação do impacto de indicadores socioeconômicos à luz das peculiaridades regionais. 2020. 226 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social, Unimontes, Montes Claros (MG), 2020.

PEREIRA, Luisa Eugenia Rafael. A institucionalização da pessoa idosa: uma demanda ao serviço social. **Anais do Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais**, Brasília (DF), v. 16, n. 1, p. 1-11, out. 2019.

PIEXAK, Diéssica Roggia; FREITAS, Paula Hübner; BACKES, Dirce Stein; MORESCHI, Claudete; FERREIRA, Carla Lizandra de Lima; SOUZA, Martha Helena Teixeira de. Percepção de profissionais de saúde em relação ao cuidado a pessoas idosas institucionalizadas. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro (RJ), v. 15, n. 2, p. 201-208, nov. 2012.

RABELO, Doris Firmino; MACHADO, Jane; CAMPOS, Carla. Treino de habilidades sociais em idosos institucionalizados. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina (PR), v. 4, n. 2, p. 258-265, maio 2013. Universidade Estadual de Londrina.

REIS, Luana Araújo; GOMES, Nadirlene Pereira; DOS REIS, Luciana Araújo, MENEZES, Tânia Maria de Oliveira; COUTO, Telmara Menezes; AGUIAR, Aline Cristiane de Souza Azevedo; DE ABREU, Margarida da Silva Neves. Relação familiar da pessoa idosa com

comprometimento da capacidade funcional. **Aquichan**, Bogotá, v. 15, n. 3, p. 393-402, julho 2015.

RODRIGUES, Adriana Guimarães; SILVA, Ailton Amélio da. A rede social e os tipos de apoio recebidos por idosos institucionalizados. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 16, n. 1, p. 159-170, mar. 2013.

ROHDE, Juliana; AREOSA, Silvia Virgínia Coutinho. Vínculos e relações familiares de idosos institucionalizados. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, Santa Cruz do Sul (SC), v. 17, n. 1, p. 62-76, 15 jun. 2020. UPF Editora.

ROSA, Tábada Samantha Marques; FILHA, Valdete Alves Valentins dos Santos; MORAES, Anaelena Bragança de. Prevalência e fatores associados ao prejuízo cognitivo em idosos de instituições filantrópicas: um estudo descritivo. **Ciência & Saúde Coletiva**, Santa Maria (RS), v. 23, n. 11, p. 3757-3765, nov. 2018.

ROSA, Marlene. **Tecnologia e inovação ao serviço do exercício e saúde: exercício. pandemia covid-19. tecnologia vs. isolamento social**. Leiria (Portugal), Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, 2020.

SAMPAIO, Aline Melo Oliveira et al . Cuidadores de idosos: percepção sobre o envelhecimento e sua influência sobre o ato de cuidar. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro (RJ), v. 11, n. 2, p. 590-613, ago. 2011.

SANTOS, Alyne Amaral; VELOSO, Emylle Cristine Alves; RIOS, Bruna Roberta Meira; PEREIRA, Sabrina Gonçalves Silva; LEÃO, Cláudia Danyella Silva; PIRIS, Álvaro Parrela. A velhice e o sentimento de solidão sob a ótica dos idosos. **Humanidades**, Montes Claros (MG), v. 9, n. 1, p. 56-63, jun. 2020.

SANTOS, L. N. S. **Sofrimento Mental em Idosos Institucionalizados: uma abordagem das dimensões que o acometem**. 76 f. TCC (Graduação) - Curso de Enfermagem, Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, Cajazeiras (PB), 2018.

SANTOS, Thayse Camila Vitor dos; ARY, Maria Luiza Moraes Regis Bezerra; CALHEIROS, David dos Santos. Vínculos familiares dos idosos institucionalizados. **Research, Society And Development**, [S.L.], v. 10, n. 12, p. 1-8, 17 set. 2021. Research, Society and Development.

SILVA, Bárbara Beatriz Ferreira; SILVA, Amanda Alves da; MELO, Gislane Ferreira de; CHARIGLIONE, Isabelle Patrícia Freitas Soares. Avaliação dos Estados de Humor e Qualidade de Vida de Idosas em Diferentes Contextos de Vida e a Percepção da Importância do Lazer. **Licere - Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, [S.L.], v. 22, n. 1, p. 24-48, 29 mar. 2019. Universidade Federal de Minas Gerais - Pró-Reitoria de Pesquisa.

SILVA, Jucélia Costa; PERERIRA, José Almir de Souza Silva; SILVA, Maria Hosana dos Santos; PEDROSA, Thays Malena Moura; BARBOSA, Fernanda Luma Guilherme. Saúde

Mental dos Idosos no Brasil. **Congresso Nacional de Envelhecimento Humano**, Caruaru (PE), v. 5, n. 1, p. 1-6, 2018. ASCES-UNITA, Centro Universitário Tabosa de Almeida.

SILVA, Marcos Vinicius Sousa; RODRIGUES, Jessica de Almeida; RIBAS, Mylena de Souza; SOUSA, Jessica Cristina Santana de; CASTRO, Thiálita Rebeca Oliveira de; SANTOS, Beatriz Andrade dos; SAMPAIO, Julliane Messias Cordeiro; PEGORARO, Vanessa Alvarenga. O impacto do isolamento social na qualidade de vida dos idosos durante a pandemia por COVID-19. **Enfermagem Brasil**, v. 19, n. 4, p. 34-41, 30 set. 2020. Convergences Editorial.

SILVA, Marylane Viana da; FIGUEIREDO, Maria do Livramento Fortes. Idosos institucionalizados: uma reflexão para o cuidado de longo prazo. **Enfermagem em Foco**, v. 3, n. 1, p. 22-24, 7 fev. 2012. Conselho Federal de Enfermagem - COFEN.

SILVA, Maria Aparecida Gabriel da; SILVA, Henrique Salmazo da; CHUBACI, Rosa Yuka Sato; GUTIERREZ, Beatriz Aparecida Ozello. Idosos institucionalizados: fatores relacionados às atividades de lazer. **Revista Kairós-Gerontologia**, São Paulo (SP), v. 24, n. 1, p. 221-235, 09 jan. 2021.

SOARES, Narciso Vieira; CORRÊA, Bianca Rafaela da Silva; FONTANA, Rosane Teresinha; BRUM, Zaléia Prado de; GUIMARÃES, Carine Amábile; SILVA, Alessandra Frizzo da; RODRIGUES, Francisco Carlos Pinto. SENTIMENTOS, EXPECTATIVAS E ADAPTAÇÃO DE IDOSOS INTERNADOS EM INSTITUIÇÃO DE LONGA PERMANÊNCIA. **Revista Mineira de Enfermagem**, [S.L.], v. 22, n. 1, p. 1-7, nov. 2018. Universidade Federal de Minas Gerais - Pro-Reitoria de Pesquisa.

SOUZA, Maria Eduarda Domingos de; MELO, Lourdes Azevedo de; CARRARA, Gisleangela L. R. Percepções dos idosos institucionalizados sobre os cuidados de enfermagem. **Periódicos UNIFAFIBE**, v. 12, n. 1, p. 1-16, dez. 2022.

SOUZA, Marina Celly Martins Ribeiro et al. COVID-19 em Instituições de Longa Permanência para Idosos: uma revisão integrativa. **Revista Sinapse Múltipla**, v. 10, n. 01, p.204-218, jan./jul.2021.

WATANABE, Helena Akemi Wada; GIOVANNI, Vera Maria Di. Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI). **Envelhecimento & Saúde**, v. 47, n. 3, p. 69-71, abril. 2009